



COMO A CATEGORIA DE *ATITUDE* CONDICIONA A METODOLOGIA PARA O ESTUDO DAS *ILOCUÇÕES*

Tommaso Raso¹ e Bruno Rocha²

DOI:10.17074/1980-2552.2016n17v2p(173)

RESUMO

Esse trabalho propõe avanços na metodologia para o estudo empírico de ilocuções desenvolvida pelo LABLITA (FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA, 2011) apresentando dados de um estudo piloto desenvolvido a partir da nova versão da metodologia. A *ilocução* é entendida como a ação que o falante realiza sobre o interlocutor através de um enunciado. O *enunciado* é a mínima unidade pragmaticamente autônoma (CRESTI, 2000), ou seja, um *ato de fala* (AUSTIN, 1962). A ilocução diferencia-se da *atitude*, categoria que corresponde à maneira com a qual a ilocução é realizada (MELLO; RASO, 2011). As duas categorias se manifestam através da prosódia, mas de maneiras diferentes. A metodologia LABLITA visa descrever a *forma prosódica* de uma ilocução (configuração de parâmetros prosódicos que um enunciado deve apresentar para veicular essa ilocução). Todavia, não considera de maneira adequada a relação prosódica entre o nível ilocucionário e o nível atitudinal da fala, comprometendo o alcance de seus objetivos. Esse trabalho propõe alterações na metodologia para poder discriminar marcas prosódicas ilocucionárias e atitudinais em um enunciado, alcançando assim a descrição adequada da forma prosódica ilocucionária. Essa nova versão consiste em (i) buscar enunciados que veiculem uma ilocução com a maior variação atitudinal possível e (ii) identificar as propriedades comuns a todas as realizações. A forma prosódica de uma ilocução não é vista como um conjunto de valores fixos de parâmetros prosódicos, mas como um espectro de variações possíveis em função da variação atitudinal. Aplicamos essa versão da metodologia para analisar a ilocução de Ordem com atitudes de Cortesia e Irritação comparadas a uma atitude que chamamos de Referência (atitude que os ouvintes podem julgar menos marcada). Os dados são extraídos do *corpus* C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012). Por fim, através de um trabalho experimental, chegamos a um primeiro esboço de descrição da forma prosódica da Ordem.

PALAVRAS-CHAVE: ilocução, atitude, Language into Act Theory, fala espontânea, *corpus* C-ORAL-BRASIL.

1 Universidade Federal de Minas Gerais, tommaso.raso@gmail.com

2 Universidade Federal de Minas Gerais, bbruno791@gmail.com

ABSTRACT

This study proposes advances in the methodology for the empirical study of illocutions developed by LABLITA (FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA, 2011) and presents data from a pilot study in which the new version of the methodology was applied. *Illocution* is understood as the action that the speaker performs towards the listener through an utterance. The *utterance* is the smallest unit with pragmatic autonomy (CRESTI, 2000), i.e. a speech act (AUSTIN, 1962). Illocution differs from *attitude*, a category that corresponds to the way the illocution is performed (MELLO, RASO, 2011). Both illocution and attitude are manifested through prosody, although in different ways. The LABLITA methodology aims to describe the prosodic form of an illocution (configuration of prosodic parameters that an utterance must have to convey this illocution). However, the methodology does not consider the prosodic relationship between the illocutionary and attitudinal levels of speech adequately, which compromises the achievement of its objectives. This paper proposes changes to the LABLITA methodology so that the illocutionary prosodic marks in an utterance can be discriminated from the attitudinal ones. This new version consists in (i) seeking utterances which carry an illocution with the greatest possible attitudinal variation and (ii) identifying the properties that are common to all the realizations of this illocution. The prosodic form is not seen as a set of fixed values of prosodic parameters, but rather as a spectrum of possible variations resulting from the attitudinal variation. We apply this version of the methodology to analyze the illocutions of Order conveyed with the attitudes of Courtesy and Irritation, comparing those attitudes to one that we call Reference (an attitude that listeners may consider less marked). Data were extracted from the C-ORAL-BRASIL corpus (RASO; MELLO, 2012). Through an experimental study, we have come to a first outline description of the prosodic form of Order.

KEYWORDS: illocution, attitude, Language into Act Theory, spontaneous speech, C-ORAL-BRASIL corpus

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivos propor avanços para a metodologia para o estudo empírico das ilocuções desenvolvida pelo LABLITA³ (FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA, 2011) e apresentar dados de um estudo piloto feito a partir da nova versão da metodologia.

Esse estudo fundamenta-se na *Language into Act Theory* (CRESTI, 2000; RASO, 2012; MONEGLIA; RASO, 2014), que entende a *ilocução* como a ação que o falante realiza sobre o interlocutor por meio de um *enunciado*. O enunciado é a unidade mínima com autonomia pragmática, ou seja, um ato de fala (AUSTIN, 1962). A ilocução, categoria que pertence à dimensão pragmática da comunicação, diferencia-se da *atitude*, uma categoria do nível sócio-interacional que corresponde à maneira pela qual a ilocução é realizada (MELLO; RASO, 2011). Tanto a ilocução quanto a atitude se manifestam por meio de marcas prosódicas no enunciado, mas de maneiras diferentes.

3 Laboratório de Linguística da Universidade de Firenze, lablita.dit.unifi.it.
Diadorim, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 2, p. 173-197, Dezembro 2015.

A metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções visa fornecer meios para descrever a *forma prosódica* de uma ilocução, ou seja, a configuração de parâmetros prosódicos que um enunciado deve apresentar para que veicule essa ilocução. Para tanto, alia um extenso trabalho empírico, que permite identificar as ilocuções presentes na fala espontânea, a um trabalho experimental para a descrição de suas formas prosódicas. Apesar de seus expressivos méritos, a metodologia se propõe a descrever a forma prosódica de uma ilocução a partir de um perfil prosódico “prototípico”. Ao nosso ver, um perfil prototípico exprime uma das possíveis atitudes com a qual uma ilocução pode se associar. Assim, para descrever de maneira mais precisa a forma prosódica, seria necessário comparar realizações de uma mesma ilocução com atitudes diferentes para compreender quais propriedades não podem ser alteradas para que se veicule aquela ilocução. Essa necessidade se motiva principalmente pelas razões seguintes: (i) a forma ilocucionária pertence a um nível mais abstrato, que se realiza concretamente sempre com uma atitude, seja ela mais ou menos marcada; (ii) não considerar os efeitos da atitude no perfil prosódico de uma ilocução torna em muitos casos impossível decidir se duas ou mais ilocuções possuem a mesma forma ou não. Sendo assim, esse trabalho propõe alterações na metodologia LABLITA para superar esse limite, permitindo discriminar as marcas prosódicas ilocucionárias das atitudinais em um enunciado. Nessa nova versão da metodologia, a forma prosódica de uma ilocução não é vista como um conjunto de valores fixos de alguns parâmetros prosódicos, mas sim como um espectro de variações possíveis desses parâmetros em função da variação atitudinal. Aplicamos a nova versão da metodologia para analisar a ilocução de Ordem com as atitudes de Cortesia, Irritação e uma atitude que chamamos de Referência, ou seja, uma atitude que a maioria dos falantes pode julgar menos marcada e que, assim, se prestaria melhor para constituir um termo de comparação. O trabalho se vale de dados retirados do *Corpus C-ORAL-BRASIL* (RASO; MELLO, 2012). Por fim, graças também a um trabalho de natureza experimental, chegamos a um primeiro esboço de descrição da forma prosódica da Ordem.

A seção 2 explica a *Language into Act Theory* (L-AcT), com enfoque nos conceitos de ilocução e atitude. A seção 3 apresenta a metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções, que, em 3.2, é problematizada. Na seção 4, é apresentada a nova proposta de metodologia. Em seguida, 4.2 mostra um estudo piloto em que a nova versão da metodologia é aplicada para o estudo da ilocução de Ordem.

A Language into Act Theory (L-AcT) e os conceitos de ilocução e atitude

A L-AcT (CREST1, 2000; RASO, 2012; MONEGLIA; RASO, 2014) é uma teoria desenvolvida a partir do estudo da fala espontânea levando em consideração a sua natureza acional e funda-se na ideia de uma correspondência entre uma unidade linguística (o enunciado produzido pelo falante) e uma unidade de ação (a ilocução realizada sobre o interlocutor). Além de fornecer subsídios para a análise linguística, L-AcT propõe um esquema de anotação de *corpora* de fala que potencializa a análise de fenômenos pragmáticos, sem, com isso, deixar de contemplar outros tipos de análise linguística. Os principais *corpora* realizados dentro dessa visão são o C-ORAL-ROM (CREST1; MONEGLIA, 2005) para espanhol, francês, italiano e Português Europeu (PE), e o C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012) para o Português Brasileiro (PB).

Uma questão preliminar enfrentada pela L-AcT foi a de compreender a natureza da unidade mínima superior à palavra em que a fala se estrutura e que, conseqüentemente, deve servir como unidade de referência para o seu estudo. Existe, na literatura linguística, um consenso de que a fala organiza-se em unidades chamadas de *enunciados*, com propriedades diferentes da unidade de referência da escrita, a *frase*. Todavia, há posições muito diferentes entre si no que diz respeito à definição do enunciado.⁴

A posição adotada por L-AcT é a de que o enunciado é uma unidade mínima com autonomia pragmática (CRESTI, 2000), que realiza um ato de fala (AUSTIN, 1962) cuja fronteira é sinalizada por meio de quebras prosódicas terminais (CRYSTAL, 1975; KARCEVSKY, 1931), marcadas na transcrição por “//”. Todo enunciado pode ser composto por uma ou mais unidades tonais. A única unidade tonal necessária e suficiente é aquela que veicula a força ilocucionária, chamada unidade de *Comentário*. Nos casos em que o enunciado possua mais de uma unidade tonal, as unidades que pertencem ao mesmo enunciado são separadas por quebras não terminais, transcritas por “/”. O exemplo (1) exhibe um trecho de um diálogo do C-ORAL-BRASIL em que se observam *enunciados simples* (formados por uma unidade tonal) e *complexos* (com mais de uma unidade tonal). Nele, os enunciados [101] e [108] são complexos, enquanto [100] e [102] a [107] são enunciados simples (áudios 1a, 1b, 1c, 1d, 1e, 1f, 1g, 1h e 1i). Naturalmente, existem enunciados bem mais complexos do que esses, principalmente em textos de natureza monológica.

Exemplo 1 – bfamdl04 (áudio 1 - )⁵

Contexto: SIL e sua filha KAT arrumam a cozinha da casa da patroa de SIL, que possui um conjunto de copos de Murano.

*SIL: [100] copos // [101] copos de Urano / que têm aí //

*KAT: [102] copos de quê //

*SIL: [103] Urano //

*KAT: [104] Urano //

*SIL: [105] é // [106] Urano // [107] Urano // [108] é um negócio que tem / que es fazem na Itália / que custa caríssimo //

Conforme dito anteriormente, o enunciado possui autonomia pragmática e veicula um ato de fala. Assim, os enunciados simples são formados somente pela unidade de *Comentário*, enquanto os enunciados complexos possuem, além do *Comentário*, outras unidades que, com funções diferentes, ajudam a contextualizar a ilocução expressa por ele.

O enunciado [108] do exemplo 1 (áudio 1i ) possui três unidades tonais: “é um negócio que tem”, “que es fazem na Itália” e “que custa caríssimo”. Ouvindo somente a primeira ou a segunda unidades tonais (áudios 1j  e 1k ) , percebe-se a ausência de autonomia prosódica e pragmática delas. Com essas unidades, o falante está contextualizando a ilocução realizada no *Comentário*, que, nesse caso, corresponde à última unidade tonal do enunciado (“que custa caríssimo”, áudio 1l ). Já em [101] (áudio 1b ) , o *Comentário* corresponde à sua primeira

4 Para uma discussão sobre o tema, vejam Cresti e Gramigni (2004) e Raso, Mittmann e Oliveira (no prelo).

5 As transcrições presentes nesse trabalho adotam os critérios usados no C-ORAL-BRASIL (MELLO et al., 2012), elaborados para o PB a partir daqueles do C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005). As siglas como “bfamdl04” nomeiam os textos dos quais os exemplos foram extraídos, indicando a sua tipologia textual (“b” para textos do C-ORAL-BRASIL; “fam” para familiar/privado e “pub” para público; “mn”, “dl” e “cv” para monólogos, diálogos e conversações). As siglas iniciadas por um asterisco ao início de cada turno identificam o falante. A sigla numérica entre colchetes indica o número do enunciado dentro do texto. Os símbolos “<” e “>” marcam o início e o fim da sobreposição na fala de mais de um falante.

unidade tonal (“copos de Urano”, áudio 1m ). A segunda unidade (“que tem aí”, áudio 1n ) não parece ter autonomia prosódica e pragmática.

Contrariamente à L-AcT, há autores que definem o enunciado como uma unidade sintática. Para Miller e Weinert (1998), o enunciado corresponde a uma oração, ou *clause*. Todavia, o exame do ex. 1 mostra como uma definição sintática não permite capturar uma quantidade expressiva de eventos de fala presentes na comunicação cotidiana, como os enunciados compostos por expressões linguísticas sem verbos. Esse é o caso de [100] (“copos”), [102] (“copos de quê”), e de [103], [104], [106] e [107] (“Urano”) (áudios 1a , 1c , 1d , 1e , 1g  e 1h ). É inegável que essas produções linguísticas possuem tanta relevância pragmática para a comunicação quanto enunciados com estrutura verbal, como [108] (“é um negócio que tem que eles fazem na Itália que custa caríssimo”, áudio 1i ). Assim, uma definição de enunciado deveria abarcar também esse tipo de ocorrência, sobretudo se se considera que estruturas sem verbo correspondem a mais de 30% dos enunciados produzidos pelos falantes, seja em PB (RASO; MITTMANN, 2012), seja em Italiano (CRESTI, 2005) e Inglês (BIBER et al., 1999).

Até agora, apresentamos o conceito de enunciado proposto pela L-AcT (unidade mínima com autonomia pragmática que veicula um ato de fala) e argumentamos sinteticamente em favor dela. Vimos que a prosódia é o mecanismo linguístico responsável por delimitar o fluxo da fala em enunciados e em suas unidades internas. Nos próximos parágrafos, falaremos mais sobre a unidade informacional de Comentário e sobre o papel exercido pela prosódia na atribuição de uma ilocução ao enunciado. Para tanto, continuaremos a usar o trecho dialógico apresentado anteriormente, que será aqui chamado de exemplo 2.

Exemplo 2 – bfamdl04 (áudio 2, que retoma o áudio 1 - )

*SIL: [100] copos // [101] copos de Urano / que têm aí //

*KAT: [102] copos de quê //

*SIL: [103] **Urano** //

*KAT: [104] **Urano** //

*SIL: [105] é // [106] **Urano** // [107] **Urano** // [108] é um negócio que tem / que es fazem na Itália / que custa caríssimo //

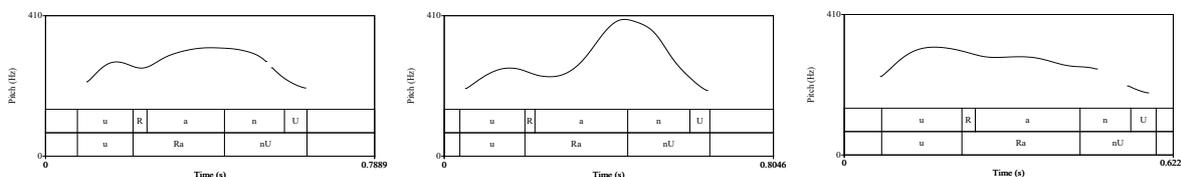


Fig.1 – Curvas de f0 dos enunciados [103], [104] e [106] do exemplo 2

O exemplo 2 contém quatro enunciados que possuem o mesmo conteúdo locutivo, “Urano”. O primeiro deles veicula a ilocução de Confirmação (áudio 2a ) , o segundo veicula a ilocução de Expressão de Incredulidade (áudio 2b ) e os dois últimos veiculam a ilocução de Conclusão, utilizando duas atitudes diferentes (áudios 2c  e 2d ). O conceito de atitude será abordado em breve e, por enquanto, a análise focará nos três primeiros ([103], [104] e [106]), mostrados na Fig.1.

Comparando esses enunciados, observa-se que possuem as mesmas propriedades morfossintáticas e semânticas, e que portanto a variação de sentidos expressa por eles deve-se à prosódia, que é o único elemento diferencial entre os mesmos. Exemplos como esse mostram que a prosódia é o elemento linguístico responsável por atribuir a ilocução a um enunciado, e que o nível ilocucionário é o principal responsável pela atribuição de função comunicativa de uma sequência.

De acordo com a L-AcT, cada *ilocução* está associada a uma configuração de propriedades prosódicas, chamada de *forma prosódica*. Para que um falante realize uma *ilocução*, deve produzir um enunciado cuja unidade de Comentário possua as propriedades especificadas pela forma prosódica dessa *ilocução*. No processo de comunicação, um indivíduo identifica a *ilocução* realizada por seu interlocutor a partir do reconhecimento da forma prosódica presente no Comentário do enunciado produzido por ele. A *forma prosódica* veicula assim a convencionalização de um esquema acional.

As formas prosódicas correspondem a um número restrito de sílabas, normalmente inferior ao total de sílabas da unidade de Comentário. A parte do Comentário que contém as sílabas que realizam a forma prosódica de uma *ilocução* é chamada de *núcleo* do Comentário. Nos casos em que o Comentário possua mais sílabas que aquelas necessárias para a expressão da forma prosódica, elas são colocadas em porções destinadas ao preenchimento lexical, chamadas de *preparação* (antes do núcleo) e *coda* (após o núcleo), sem relevância para a veiculação da *ilocução*. Em [103], [104] e [106] (“Urano”), o núcleo corresponde à sílaba “ra”. Nos três casos, a sílaba “U” é uma preparação e “no” é uma coda. Ouvindo somente o núcleo desses enunciados (áudios 2e , 2f , 2g ) , é possível reconhecer a *ilocução* realizada por cada um deles, ainda que a eliminação da preparação e da coda comprometa a interpretação semântica. Em [102] (“copos de quê”, áudio 2h ) , o núcleo é a sílaba “quê” (áudio 2i ) , e todas as sílabas que a antecedem são preparação. Em [105] (“é”, áudio 2j ) , o Comentário é formado somente pelo núcleo. Para atestar que o núcleo do Comentário é suficiente para perceber a *ilocução* veiculada por um enunciado, é interessante ouvir uma versão do exemplo 2 que preserva somente o núcleo do Comentário de cada enunciado (áudio 2k ) .

Nem sempre o núcleo do Comentário está na última tônica da unidade. No enunciado em destaque no exemplo 3 (áudio 3a ) , o núcleo corresponde à primeira sílaba da sequência (áudio

3b



Exemplo 3 – bfamcv03 (áudio 3 - )

Contexto: CAR e alguns amigos jogam sinuca. Ao perceber que houve uma sinuca, CAR se manifesta por meio do enunciado em destaque (áudio 3a ) .

*CAR: [288] **deu sinuca** //

*CEL: [289] deu / uai //

*CAR: [290] **Nossa Senhora** //

Em síntese, vimos que todo enunciado veicula uma *ilocução* na sua unidade de Comentário, e isso ocorre por meio da realização da forma prosódica da *ilocução* no núcleo do Comentário. Agora que já se tem uma ideia clara de como a *ilocução* é expressa linguisticamente no enunciado, convém observar outra categoria que também se manifesta pela prosódia, a *atitude*.

Mello e Raso (2011) definem *atitude* como uma categoria sócio-interacional que expressa o modo com o qual o falante realiza a *ilocução* (mas a noção de *atitude* se aplica também a unidades não *ilocucionárias*). A *atitude* diferencia-se tanto da *ilocução* (categoria pragmática que corresponde à ação realizada pelo falante sobre o interlocutor) quanto da modalidade (categoria semântica que expressa o ponto de vista do falante sobre o conteúdo locutivo, ou o *Modus* do *Dictum* (BALLY, 1950)). Parafraseando Bally, a *atitude* seria o *Modus* do *Actum*, ou a maneira pela qual a *ilocução* é realizada (MELLO; RASO, 2011). A mesma *ilocução*, como uma Ordem, pode ser realizada com *atitudes* diferentes (Cortesia, Autoridade, Irritação, etc.) sem que deixe

de ser uma Ordem.

Assim como as ilocuções, as atitudes são marcadas prosodicamente no enunciado. Todavia, se a ilocução é realizada por meio de uma forma prosódica expressa no núcleo da unidade tonal que carrega o valor informacional de Comentário, Mello e Raso mostram por meio de experimentos que a atitude se manifesta por meio de alterações prosódicas em toda a unidade tonal. Moraes e Rilliard (2015) fazem um amplo estudo comparando realizações de três ilocuções combinadas a seis *atitudes sociais* (atitudes que gerenciam a relação interpessoal entre os falantes) e concluem que elas produzem alterações prosódicas nos enunciados. Também, eles mostram que as atitudes sociais se exprimem de maneira marcada pelas expressões faciais dos falantes ao realizarem o enunciado.

Ainda que no plano conceitual seja estabelecida uma diferença clara entre ilocução e atitude, nem sempre é fácil determinar, em uma análise linguística, se dois enunciados veiculam duas ilocuções diferentes ou a mesma ilocução com atitudes diferentes. Essa dificuldade torna-se ainda maior se considerarmos que a variedade de tipos ilocucionários que podemos realizar é muito ampla (provavelmente, entre muitas dezenas e poucas centenas⁶), de modo que, provavelmente, mais de uma ilocução está associada à mesma forma prosódica. Se duas ilocuções associam-se à mesma forma prosódica, não existiriam mecanismos de análise prosódica capazes de diferenciá-las. Além disso, do ponto de vista comunicativo, a prosódia seria condição necessária, mas não suficiente, para a realização e interpretação da ilocução.

A proposta da L-AcT é a de que os tipos ilocucionários, enquanto tipos de ação que o falante realiza sobre seu interlocutor, apresentam diferenças do ponto de vista pragmático-cognitivo. Ou seja, por constituírem tipos de atividades diferentes, podem ser descritos em termos diferentes. Assim, a compreensão ilocucionária no processo de comunicação se baseia não só na interpretação da forma prosódica ilocucionária, mas também no reconhecimento de um número restrito de parâmetros pragmático-cognitivos associados à ilocução realizada. Os parâmetros guiam a interpretação da forma prosódica, eliminando possíveis ambiguidades no reconhecimento da ilocução. É importante salientar que o número de parâmetros pragmático-cognitivos necessários para compreender a diferença entre ilocuções é muito reduzido: eles são identificados através da comparação empírica das diferentes ações verbalizadas, tal como os revelam os exemplos extraídos de *corpora* (muitos para cada ilocução).

Moneglia (2011) cita um conjunto de 9 parâmetros que têm se mostrado úteis para descrever as diferenças entre as diversas ilocuções estudadas pelo grupo LABLITA: *canal de comunicação, horizonte atencional, proxêmica, propriedades intencionais do processo, efeitos, modificações no interlocutor, características perceptuais no objeto ontológico referido no contexto pragmático/cognitivo, condição preparatória no falante e condição preparatória no interlocutor*.⁷ A partir da descrição pragmático-cognitiva de um enunciado com base nesse pequeno grupo de parâmetros, o pesquisador pode compreender a ilocução veiculada por ele. Isso será exemplificado por meio da análise dos exemplos 4 e 5.

6 Cresti (2000) sugere, como base na análise do *corpus* LABLITA, uma lista aberta de 80 ilocuções.

7 Para uma descrição desses parâmetros em PB, veja-se Raso e Rocha (no prelo).

Exemplo 4 – bfamcv33 (áudio 4 - )

Contexto: BAO quer que seu irmão pegue uma almofada e a entregue a uma amiga que os está visitando e está assentada no chão. Por esse motivo, BAO realiza uma *ilocução* de Ordem (áudio 4a) endereçada ao irmão.

*DAN: [26] cê quer uma almofada // [27] Marco / dá essa almofada <marrom aí / o'> //

*JUL: [28] <yyyy> //

*HEL: [29] <é bom / é bom> //

*BAO: [30] <**dá a almofada**> **marrom pra Helô** //

Exemplo 5 – bfamdl06 (áudio 5 - )

Contexto: JHP está ensinando sua esposa a usar um programa de computador. Ao longo da explicação, JHP dá uma Instrução (áudio 5a) à esposa para que ela espere o programa baixar um arquivo.

*JHP: [37] tem um update / não / cancela / tal // [38] **aí espera abaixar** // [39] quando abaixar / cê fala pra / adicionar o efeelevê aqui / e seleciona uma pasta de saída //

Os enunciados em destaque nos exemplos 4 e 5 veiculam uma Ordem e uma Instrução, respectivamente. Uma diferença importante entre eles diz respeito ao *efeito* que o falante visa obter ao realizar a *ilocução* sobre o interlocutor. No exemplo 4, uma Ordem (áudio 4a ) , o *efeito* desejado é o de produzir uma *mudança de mundo* por meio de um comportamento realizado pelo interlocutor. Para tanto, a Ordem exige uma *mudança* de tipo *comportamental* do interlocutor, para que efetue a mudança de mundo especificada pelo conteúdo locutivo do Comentário. Já no exemplo 5, uma Instrução (áudio 5a ) , o *efeito* desejado é o de provocar uma *mudança nos conhecimentos* do interlocutor para que o mesmo consiga fazer uma ação futura. Dessa forma, a Instrução provoca uma *mudança* de tipo *cognitivo* no interlocutor. As diferenças com relação aos parâmetros *efeito* e *mudança*, claramente observáveis nos exemplos 4 e 5, ajudam a compreender que eles veiculam *ilocuções* diferentes. O Quadro 1, adiante, compara a Ordem e a Instrução com relação a todas as características apontadas por Moneglia (2011). Vale notar que a diferença entre dois tipos de ação se dá com base em alguns dos parâmetros, destacados em negrito, mas não em todos eles.

Parâmetro	Ordem	Instrução
Canal de comunicação	Aberto	Aberto
Atenção	Compartilhada	Compartilhada
Proxêmica	Interação direta	Interação direta
Propriedades intensionais do processo	Comportamental	Cognitiva
Efeitos	Mudança de mundo	Modificação nos conhecimentos
Modificações no interlocutor	Operativa	Cognitiva
Características perceptuais no objeto ontológico referido no contexto pragmático/cognitivo	Presente	Possibilidade de explorar o contexto
Condição preparatória do falante	Habilidade pragmática	Conhecimento
Condição preparatória do interlocutor	Possibilidade de intervir na situação	Necessidade de know-how

Quadro 1 – Comparação entre os parâmetros pragmático-cognitivos das *ilocuções* de Ordem e Instrução

O estudo dos parâmetros pragmático-cognitivos associados a uma ilocução é um procedimento metodológico que deve ser aprimorado com o tempo, de modo a conseguir separar de uma forma melhor os parâmetros que definem uma ilocução daqueles que ajudam a eliciá-la, ainda que não a definam. Para a Ordem, por exemplo, parece evidente que os *efeitos* da ilocução e o tipo de *modificações no interlocutor* sejam parâmetros definitórios, enquanto os parâmetros *proxêmica, canal de comunicação e atenção* parecem simplesmente ajudar a eliciar uma Ordem. De fato, em uma situação em que duas pessoas estão longe uma da outra, não estão se falando e têm a atenção voltada a objetos diferentes, é de se esperar que, caso uma queira falar com a outra, realize primeiramente uma ilocução de Chamamento. Contudo, é possível que, mesmo em uma situação como essa, um falante realize uma Ordem endereçada ao interlocutor.

Voltando à discussão sobre a interação entre ilocução e atitude, L-AcT sustenta que uma descrição adequada das propriedades apresentadas por um conjunto de exemplos permite compreender se dois enunciados veiculam ou não a mesma ilocução. Esse tipo de análise constitui, portanto, uma importante ferramenta metodológica para superar um problema frequentemente apontado na literatura: o de determinar se dois enunciados veiculam ilocuições diferentes ou a mesma ilocução com atitudes diferentes. A opinião defendida nesse trabalho é a de que a análise pragmático-cognitiva permite identificar as ilocuições (que serão veiculadas por formas prosódicas, mas também por parâmetros prosódicos de natureza não ilocucionárias que se sobrepõem à forma). As propriedades prosódicas dos enunciados permitem (a) verificar se os enunciados expressam a mesma atitude e (b) observar as propriedades prosódicas de uma ilocução que são constantes nas diversas atitudes que se sobrepõem à forma ilocucionária. Essa posição será melhor explicada na seção 4.

A metodologia LABLITA para o estudo de ilocuições e a sua problematização

A metodologia LABLITA

A metodologia criada pelo grupo LABLITA para o estudo de ilocuições foi elaborada a partir de uma série de estudos de *corpora* de fala espontânea de Italiano (CRESTI; MARTIN; MONEGLIA, 1998; CRESTI; FIRENZUOLI, 2001; FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA, 2011). A metodologia é apresentada por Firenzuoli (2003), em um estudo que descreve a forma prosódica de um grande conjunto de ilocuições a partir de exemplos da seção italiana do C-ORAL-ROM. Moneglia (2011) explica em maiores detalhes alguns de seus aspectos.

O primeiro passo da metodologia consiste em coletar, em um *corpus* de fala espontânea, exemplos de um pequeno grupo de ilocuições que será objeto de pesquisa.⁸ A identificação das ilocuições não é feita a partir de critérios sintáticos ou lexicais, como em uma abordagem searlina, mas sim com base em uma semelhança prosódica geral entre os exemplos e na percepção de que eles são funcionalmente compatíveis. Os enunciados funcionalmente compatíveis são aqueles que podem ser descritos pelo mesmo conjunto de propriedades pragmático-cognitivas, tomando como referência a lista de Moneglia (2011) (cf. seção 2). Nesse processo, o pesquisador deve ter em mente que esse conjunto de parâmetros não constitui uma lista fechada, mas

8 Para uma explicação mais detalhada do processo de identificação das ilocuições, veja-se Raso e Rocha (no prelo).

sim o grupo dos parâmetros que, até o momento, se mostraram suficientes para descrever as diferenças entre as *ilocações* já identificadas. Por esse motivo, o pesquisador deve estar atento para perceber se alguma diferença pragmática forte entre dois exemplos não é captada pelos parâmetros e, nesse caso, deve considerar a hipótese de que sejam *ilocações* diferentes, buscando parametrizar os motivos que o levam a ter essa impressão e verificar se a impressão se confirma em outros exemplos em contexto natural. O processo de identificação de exemplos de uma *ilocução* é longo e deve ser feito repetidas vezes ao longo da pesquisa, pois (i) muitas *ilocações* ocorrem em contextos restritos, e somente um exame muito cuidadoso do *corpus* pode revelá-las; (ii) a habilidade de fazer boas análises pragmático-cognitivas é desenvolvida com tempo, de modo que análises repetidas podem revelar detalhes não percebidos antes.

Após identificar grupos de enunciados que parecem veicular a mesma *ilocução*, a metodologia ocupa-se da descrição da forma prosódica das *ilocações* representadas pelos exemplos coletados. Uma das possibilidades para descrever a forma prosódica de uma *ilocução* seria a de analisar diretamente os exemplos de *corpus*. Todavia, a metodologia LABLITA considera que as formas prosódicas são entidades abstratas que, ao serem realizadas concretamente em um enunciado, sofrem interferências devido a fatores linguísticos (dimensão e estrutura acentual do conteúdo locutivo) e extralinguísticos (fatores fisiológicos). Sendo assim, os enunciados de *corpus* que veiculam uma mesma *ilocução* podem apresentar várias propriedades prosódicas que não se devem à forma prosódica em si, mas a esses outros fatores.

Para lidar com esse problema, o grupo LABLITA propõe que os enunciados a serem submetidos a uma análise prosódica mais fina não sejam aqueles encontrados em *corpus*, mas sim produzidos em cenas fictícias registradas em vídeo. As cenas devem funcionar como contextos de eliciação da *ilocução*, de modo que a *ilocução* seja realizada como uma função da cena. Essa medida permite controlar os fatores que podem interferir no modo pelo qual a forma prosódica é expressa no enunciado (conteúdo locutivo e fatores fisiológicos). Nas cenas, os atores devem seguir um roteiro preciso e, em um determinado momento da interação, um deles deve realizar o enunciado com a *ilocução* desejada. Para que as formas prosódicas possam ser posteriormente comparadas, é fundamental que os vídeos de cenas diferentes possuam o mesmo conteúdo locutivo, e que o conteúdo locutivo seja compatível com as *ilocações* estudadas. Raso e Rocha (no prelo) mostram as cenas de eliciação de Ordem e Instrução criadas pelo grupo LABLITA e pelo grupo LEEL⁹. Na seção 4.2 desse trabalho, serão apresentados três vídeos de eliciação de Ordem.

Para garantir que os enunciados produzidos nas cenas veiculem, de fato, a mesma *ilocução* dos enunciados encontrados em *corpus*, o grupo LABLITA propõe que as cenas sejam construídas a partir de parâmetros pragmático-cognitivos que eliciem a *ilocução* desejada. A identificação das propriedades de eliciação de cada *ilocução* é fruto de um minucioso trabalho de comparação entre os contextos de todos os exemplos da *ilocução* estudada. Os parâmetros usados para eliciar as *ilocações* correspondem àqueles apresentados por Moneglia (2011) para compreender as diferenças entre as *ilocações* (*canal de comunicação, atenção, proxêmica, propriedades intencionais do processo, efeitos, modificações no interlocutor, características perceptuais do objeto ontológico referido, condições preparatórias do falante, condições preparatórias do interlocutor*). Todavia, para eliciar uma *ilocução*, é usada uma quantidade maior de parâmetros do que para descrever a *ilocução*.

9 Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (UFMG), www.lettras.ufmg.br/leel. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 2, p. 173-197, Dezembro 2015.

De acordo com a metodologia LABLITA, o estudo dos parâmetros pragmático-cognitivos associados a uma ilocução permite produzir cenas que não somente eliciem essa ilocução, mas que também sejam inadequadas para outras ilocuições semelhantes do ponto de vista funcional e/ou prosódico. Suponhamos que um pesquisador deseje criar um contexto de eliciação para a Ordem que não seja compatível com a Instrução. Assim, em primeiro lugar, deve elaborar uma cena cuja ilocução tenha o *efeito* de provocar uma *mudança de mundo* por meio de um comportamento do interlocutor, operando uma *mudança* de tipo *comportamental* no mesmo. Essas características parecem necessárias à Ordem, de modo que um contexto de eliciação dessa ilocução deve apresentá-las. Convém também que, na cena de Ordem, os falantes estejam próximos um do outro (*proxêmica*), tenham atenção compartilhada (*atenção*) e que o canal de comunicação esteja aberto (*canal*), pois esses fatores ajudam a eliciar essa ilocução. Além disso, o pesquisador pode considerar que o *beneficiário* por uma Ordem é, normalmente, o próprio falante e que o beneficiário de uma Instrução costuma ser o interlocutor. Assim, o parâmetro *beneficiário*, apesar de não estar na lista de Moneglia (2011), também pode ser usado para ajudar a eliciar uma Ordem em contraposição a uma Instrução.

Após criar os contextos de eliciação de cada ilocução estudada, o pesquisador deve verificar se o perfil prosódico eliciado é compatível com os perfis encontrados em *corpus*. Essa validação é feita pelo chamado *teste de repetição*, em que atores gravam o perfil prosódico no contexto de eliciação, com conteúdos locutivos diferentes e estruturas acentuais diferentes.¹⁰ O teste de repetição permite não só validar o perfil obtido, mas também verificar como as estruturas acentuais e o sexo do falante influem na forma prosódica.

Ao tentar fazê-lo, o pesquisador pode perceber que o perfil produzido não corresponde àquele observado em *corpus*, o que indica que a cena elicia uma ilocução diferente daquela desejada. Nesses casos, é necessário voltar aos exemplos de *corpus* para refinar a descrição pragmático-cognitiva da ilocução, compreender qual parâmetro está mal representado pela cena e, em seguida, reformulá-la.

Após a validação do perfil prosódico de cada ilocução, o próximo passo é verificar se as formas prosódicas das ilocuições estudadas são iguais ou diferentes entre si. Essa verificação é feita pelo *teste de substituição*. Nesse teste, o pesquisador substitui o perfil obtido na cena de uma ilocução pelo perfil obtido na cena de outra ilocução. Em seguida, realiza testes de percepção em que os sujeitos devem avaliar o grau de adequação ou inadequação dos perfis prosódicos para cada vídeo. Se os perfis de ilocuições diferentes são avaliados como adequados nas cenas opostas, significa que as ilocuições possuem a mesma forma prosódica. Se a substituição dos perfis é vista como inadequada, as ilocuições possuem formas diferentes.¹¹

Depois de ter validado os perfis obtidos nas cenas e verificado se são exclusivos ou compartilhados por mais ilocuições, o pesquisador pode fazer uma descrição detalhada da forma prosódica ilocucionária.

A metodologia LABLITA pode ser resumida nas seguintes etapas:

10 Raso e Rocha (no prelo) ilustram os processos de descrição pragmático-cognitiva de exemplos de *corpus* do PB e de produção de cenas fictícias para a eliciação de ilocuições.

11 Raso e Rocha (no prelo) mostram os vídeos produzidos pelo grupo LABLITA para as ilocuições de Ordem e Instrução em Italiano, bem como as versões usadas no teste de substituição.

1. Identificação de *ilocuções* em *corpus*;
2. Descrição das propriedades pragmático-cognitivas e identificação dos parâmetros de eliciação para cada *ilocução*;
3. Produção de cenas fictícias registradas em vídeo, em que cada *ilocução* é eliciada como uma função do contexto;
4. Extração do perfil prosódico do enunciado produzido no contexto de eliciação;
5. Validação do perfil prosódico pela repetição por atores no contexto de eliciação, com diferentes conteúdos locutivos e estruturas acentuais;
6. Substituição do perfil prototípico de uma *ilocução* no contexto de eliciação de outra;
7. Descrição da forma prosódica da *ilocução*.

Antes de retomar a exposição, é oportuno observar que a metodologia no ponto 6 apresenta a noção de perfil “prototípico”, sem esclarecê-la. Esse ponto será retomado mais adiante.

Ilocução	Ordem	Instrução
Config. de f0	ascendente-descendente [1A] ¹	ascendente-descendente-descendente [1A][D]
Alinhamento	configuração à esquerda na primeira tônica, que não é alongada	configuração espalhada por toda a unidade, com alongamento da tônica final
Duração silábica	100-200ms	100-300ms
Excursão de f0	150-250Hz (H); 100-450Hz (M)	80-150Hz (H); 150-300Hz (M)

Quadro 2 – Síntese da descrição das formas prosódicas de Ordem e de Instrução por Firenzuoli (2003)

Firenzuoli (2003) aplica a metodologia para estudar comparativamente as *ilocuções* de Ordem e Instrução, dentre outras, com dados do C-ORAL-ROM Italiano. Segundo a autora, a Ordem é uma *ilocução* com a qual o falante solicita um comportamento do interlocutor para provocar uma mudança de mundo. A Instrução é uma *ilocução* por meio da qual o falante muda o conhecimento do interlocutor para que ele possa realizar uma ação no futuro. O Quadro 2 sintetiza as formas prosódicas de Ordem e Instrução descritas pela autora.

Problematizando a metodologia

A metodologia proposta pelo grupo LABLITA constitui uma abordagem inovadora para o estudo das *ilocuções* por associar um extenso trabalho de pesquisa em *corpus* a uma fase experimental, mas também por considerar de um lado os fatores prosódicos e de outro os fatores pragmático-cognitivos associados a uma *ilocução*. O trabalho em *corpora* de fala espontânea, sobretudo em *corpora* com grande variação diafásica, é muito importante, pois o pesquisador é levado a confrontar-se com um número significativo de *ilocuções* que não se associam a verbos performativos – como a *Dêixis*, no exemplo 6, e a *Reprovação*, no exemplo 7 – ou cujos verbos não são nunca usados para realizar a ação – como os diversos tipos de Chamamento.

Exemplo 6 – bfamdl01 (áudio 6 - )

Contexto: o engenheiro PAU conversa com um pedreiro enquanto trabalham e aponta pra ele com uma *ilocução* de *Dêixis* (áudio 6a ) qual deve ser o tamanho do muro

que devem construir.

*PAU: [84] **aqui o'** // [85] é essa a medida aqui olha // [86] do alicerce pra cima //

Exemplo 7 – bfamcv02 (áudio 7 - )

Contexto: JAE diz algo que desagrade a amiga TER, que realiza a locução de Reprovação (áudio 7a )

*JAE: [16] <ganhou / não> //

*TER: [17] <não> //

*JAE: [18] vai ganhar / <né> //

*TER: [19] <vai ganhar / mas> +

*JAE: [20] <ea nũ tem nada> na mão //

*TER: [21] **ô Jael** // [22] mas / gente velha / já prometeu o [/1] os presente / <já / pode> garantir que ganhou //

A análise pragmático-cognitiva dos enunciados de *corpus* permite compreender importantes propriedades funcionais de cada locução, deixando clara a diferença entre, por exemplo, a locução de Ordem e a Instrução (cf. seção 2), que possuem perfis prosódicos muito semelhantes, senão idênticos, mas certamente constituem atividades diferentes por parte do falante. Ainda, o trabalho de *corpus* das fases de identificação e de descrição pragmático-cognitiva dos exemplos garante que os perfis que serão submetidos à análise prosódica sejam compatíveis com aqueles que são empregados na comunicação cotidiana.

A fase experimental, por sua vez, assegura uma maior comparabilidade dos enunciados a serem descritos, ao controlar os fatores linguísticos e extralinguísticos que exercem influência sobre o perfil prosódico do enunciado.

Apesar de todos esses méritos, é necessário fazer algumas observações com relação à maneira com que a metodologia lida com a categoria *atitude*, bem como sobre as consequências teórico-metodológicas oriundas desse tratamento.

Como premissa para essa discussão, cumpre observar que a metodologia LABLITA foi desenvolvida anteriormente à proposta de Mello e Raso (2011) de incorporação da categoria *atitude* no quadro descritivo da L-AcT. Conforme dito anteriormente, a atitude é entendida como o modo pelo qual a locução é realizada, ou “*modus do actum*”, e é expressa prosodicamente em toda a unidade tonal (MELLO; RASO, 2011).

Uma consequência dessa definição – a qual endossamos – é a de que todo enunciado veicula uma locução *com alguma atitude* expressa. Assim, sob essa perspectiva, não se pode falar de enunciados com atitude em contraposição a enunciados sem atitude, ou com atitude *neutra*, ou *não marcada*, ou seja, não é imaginável um enunciado que não carregue nenhuma marca de atitude. Por outro lado, essa perspectiva prevê a possibilidade de considerar que cada locução se associe preferencialmente a uma atitude em particular, que é percebida pelos falantes da língua como *neutra*, *não marcada*, *prototípica* ou, como preferimos dizer, *atitude de referência* – desde que se considere que essa atitude também se expressa por meio de marcas prosódicas no enunciado.

Caso o pesquisador trabalhe sob essa perspectiva, nos parece necessário considerar a possibilidade de que a atitude de referência de duas locuções diferentes não seja a mesma. A nosso ver, a locução de Ordem associa-se prototipicamente a uma atitude mais “autoritária”, por assim dizer (ou, pelo menos, mais firme), que, por exemplo, a locução de Pergunta Polar, que se associa com mais probabilidade a uma atitude mais polida. Além disso, consideramos que a percepção

de uma dada atitude como atitude de referência de uma ilocução seja sensível a aspectos macro e microculturais: é possível, por exemplo, que falantes de diastratia diferente ou até dois falantes de uma mesma diastratia percebam como não marcada atitudes diferentes de uma mesma ilocução. Dito isso, sustentamos que a forma mais adequada de se controlar o fator *atitude* em uma pesquisa sobre duas ilocações não seja a de escolher realizações dessas duas ilocações com atitudes de referência de cada uma delas. Como será explicado na seção seguinte, a nossa posição é a de que, para controlar a atitude, o pesquisador deve coletar a maior variação atitudinal possível para uma ilocução e observar as características prosódicas semelhantes e diferentes nessas realizações, ou seja, o que pode ser mudado, dentro de uma mesma forma ilocucionária e o que não pode ser mudado.

Os trabalhos de Firenzuoli (2003) e Moneglia (2011) não mencionam a categoria da atitude nas seções em que explicam a metodologia LABLITA para o estudo de ilocações; ao contrário, falam de perfil “prototípico”. Se aceitarmos a ideia de que qualquer ilocução se realiza junto com uma atitude, e se aceitarmos a ideia que a prototipicidade atitudinal varia com base na ilocução (e talvez outros aspetos), é evidente que comparar duas formas “prototípicas” de duas ilocações diferentes significa introduzir na comparação uma variável não controlada: a variável atitudinal. A presença dessa variável não controlada torna o teste de substituição insuficiente para decidir se duas formas ilocucionárias são iguais ou diferentes, já que uma eventual percepção de inadequação no teste de percepção pode ser devida à diferença atitudinal e não à diferente forma ilocucionária.

Em um quadro como o da metodologia LABLITA, que considera a existência de um perfil prototípico para uma ilocução sem dar-se conta de que o perfil prototípico não expressa a mesma atitude em ilocações diferentes, qualquer variação significativa entre os perfis prosódicos de ilocações diferentes pode ser considerada um forte indicativo de que as ilocações não possuem a mesma forma prosódica. Esse raciocínio é uma das bases do *teste de substituição*, o ponto chave da metodologia para determinar se duas ilocações possuem ou não a mesma forma prosódica. Conforme explicado na seção anterior, o teste consiste em colocar o perfil prosódico de uma ilocução no contexto fictício de outra ilocução e vice-versa. Se o perfil de uma ilocução soa inadequado no contexto da outra, considera-se que as ilocações têm formas diferentes.

Firenzuoli (2003) examina comparativamente as ilocações de Ordem e Instrução e conclui, por meio do teste de substituição, que essas ilocações não possuem a mesma forma prosódica. Moneglia (2011) apresenta uma figura – Fig.2 – com a sobreposição das formas prosódicas obtidas no contexto de eliciação de cada cena, evidenciando as diferenças entre as mesmas, como forma de justificar a diferença de percepção no teste de substituição. Em ambos os casos, os enunciados possuem o conteúdo locutivo “*gira a destra*” (“vire à direita”).

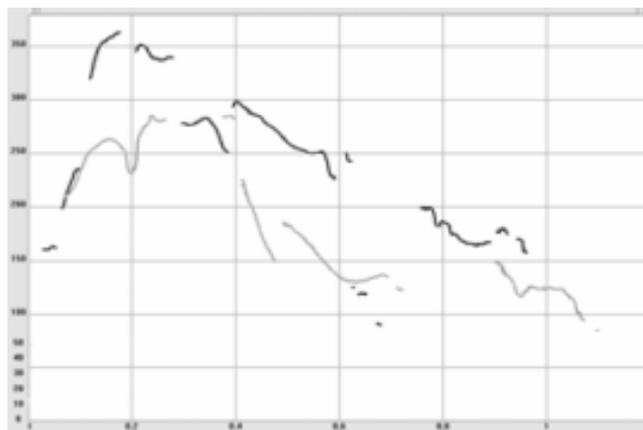


Fig.2 – Sobreposição do perfil de f0 das ilocuções de Instrução (cinza) e Ordem (preto), com conteúdo locutivo “gira a direita” (“vire à direita”) Fonte: MONEGLIA (2011, p.501)

Todavia, a metodologia LABLITA não considera que realizações da mesma ilocução com atitudes diferentes podem apresentar variações prosódicas que, no nível visual e em testes de percepção, são ainda mais evidentes do que aquelas que podem ocorrer entre ilocuções diferentes. Portanto, o teste de substituição não leva em conta que a inadequação causada pela colocação de um perfil prosódico no contexto de outro pode se dever a questões atitudinais e não ilocucionárias. Ou seja, ainda que os dois enunciados veiculem a mesma ilocução, a substituição dos perfis nas cenas de eliciação pode gerar inadequação se a atitude de uma ilocução não for compatível com o outro contexto. Esses dois pontos serão mostrados na seção 4.2, com dados de um estudo piloto de Rocha (2015) para o estudo da ilocução de Ordem com atitudes diferentes.

Em suma, a nosso ver, os pontos fortes da metodologia LABLITA são:

- a. a identificação dos tipos ilocucionários em *corpus* de fala espontânea;
- b. a caracterização pragmático-cognitiva das ilocuções;
- c. o estudo da forma prosódica ilocucionária a partir de enunciados produzidos em contextos de eliciação baseados nas características pragmático-cognitivas da ilocução.

Em contrapartida, acreditamos que as principais limitações da metodologia LABLITA para o estudo de ilocuções possam ser resumidas da seguinte forma:

- a. a metodologia visa descrever uma forma prosódica que não sofre interferência atitudinal ou pelo menos sem considerar relevante essa variação (**limitação teórica**);
- b. a metodologia não fornece meios para discriminar as propriedades prosódicas ilocucionárias daquelas atitudinais (**limitação metodológica**);
- c. o teste de substituição não consegue determinar se duas ilocuções possuem formas prosódicas diferentes, pois a inadequação na substituição pode se dever a questões de ordem atitudinal (a realização concreta de uma forma) e não ilocucionária (a forma em si) (**limitação metodológica**);
- d. o conceito de *forma prosódica* não é concebido de modo suficientemente abstrato, pois não se verifica como uma forma pode se realizar concretamente em função de diferentes atitudes e quais são as propriedades em comum entre essas realizações

(limitação teórica)

e. a metodologia não descreve a forma prosódica da ilocução, mas sim a forma de uma de suas realizações possíveis (**limitação metodológica consequente das limitações teóricas**)

Uma proposta para aprimorar a metodologia e um estudo piloto**Aprimorando a metodologia**

A partir do exame do conceito de atitude (MELLO; RASO, 2011) e de enunciados de Ordem com atitudes diferentes, a seção anterior argumentou a favor de que a metodologia proposta pelo grupo LABLITA encontra problemas para descrever a forma prosódica de uma ilocução.

A nossa proposta, que tem por objetivo manter os expressivos méritos da metodologia LABLITA e superar os problemas apontados ao final da seção anterior, consiste em (a) buscar a maior variação atitudinal possível de uma ilocução, tanto em *corpus* quanto em contextos fictícios com o mesmo conteúdo locutivo, para, em seguida, (b) identificar as propriedades prosódicas comuns às diferentes realizações dessa ilocução, compreendendo qual é a margem de variação admitida para cada propriedade e os pontos em que a variação é possível. A forma prosódica de uma ilocução seria, então, o conjunto de propriedades – e de relações entre essas propriedades – que permanecem estáveis nas realizações de uma ilocução com atitudes diferentes.

Assim como na metodologia LABLITA, acreditamos que os enunciados a serem submetidos à análise prosódica devam ser produzidos em contextos de eliciação que espelhem as propriedades pragmático-cognitivas da ilocução que se estuda. Sendo assim, após identificar em *corpus* os enunciados que veiculam uma ilocução com atitudes diferentes, o pesquisador deve construir cenas que eliciam a ilocução com as várias atitudes encontradas. Por fim, para investigar se duas ilocações possuem a mesma forma prosódica ou formas diferentes, deve ser feito um teste de substituição em cenas que eliciam ilocações diferentes com a mesma atitude, controlando, desse modo, a variável atitude. Ainda assim, deve-se considerar que, possivelmente, as marcas prosódicas que exprimem uma atitude *x* em uma ilocução *A* talvez não sejam as mesmas marcas usadas para exprimir a mesma atitude *x* em uma ilocução *B*. Em face disso, os resultados do teste de substituição devem ser avaliados com cautela.

A nova proposta para o estudo de ilocações pode ser resumida nos seguintes passos:

1. Identificação das ilocações em *corpus*, coletando exemplos da mesma ilocução expressa com a maior variedade atitudinal possível;
2. Descrição das propriedades pragmático-cognitivas das ilocações e identificação de seus parâmetros de eliciação;
3. Produção de cenas fictícias que eliciem a mesma ilocução com atitudes diferentes;
4. Extração do perfil prosódico do enunciado produzido no contexto de eliciação de cada atitude;
5. Validação do perfil prosódico pela repetição por atores no contexto de eliciação,

com diferentes conteúdos locutivos e estruturas acentuais;

6. Identificação de propriedades prosódicas comuns aos enunciados da mesma ilocução com atitudes diferentes;
7. Substituição do perfil de uma ilocução com uma determinada atitude no contexto de eliciação de outra ilocução com a mesma atitude;
8. Caracterização das marcas formais de uma atitude, por meio de manipulações e testes de percepção.

É importante notar que a reformulação aqui proposta é compatível com o conceito de forma prosódica da L-AcT – uma configuração de parâmetros prosódicos associados a uma ilocução, realizada no núcleo do Comentário (CRESTI, 2000; FIRENZUOLI, 2003). Por outro lado, ao considerar o nível de interferência prosódica que a atitude exerce no enunciado, é de se esperar que a forma prosódica de uma ilocução seja expressa não necessariamente por valores fixos de determinados parâmetros, mas possivelmente por relações de proporção entre parâmetros que admitem certas variações, mas não outras. Em outras palavras, um espectro de variações possíveis. Além disso, é provável que a forma envolva não só os parâmetros já considerados por Firenzuoli (2003), mas também outros como a taxa de articulação e a taxa de variação de f_0 .

Além disso, para que se chegue a uma melhor caracterização fonética dos parâmetros formais que não podem ser alterados sem que se tenha uma variação ilocucionária, acreditamos que seja necessário estudar também, em certa medida, os parâmetros associados às atitudes que podem ocorrer com aquela ilocução. Contudo, defendemos que a atitude enquanto categoria seja subordinada à ilocução, no sentido de que a ilocução é definida como a ação realizada pelo falante sobre o seu interlocutor, enquanto a atitude é a forma com que a ação é realizada. A ilocução é um nível mais abstrato e hierarquicamente superior à atitude.

Um estudo piloto para a aplicação da nova metodologia

Rocha (2015) faz um estudo piloto para aplicar a nova proposta de metodologia para o estudo de ilocuições. Nele, busca descrever a forma prosódica da ilocução de Ordem considerando três atitudes encontradas no *corpus* C-ORAL-BRASIL associadas a essa ilocução: atitude de Referência (cujo valor é essencialmente de natureza comparativa), atitude de Cortesia e atitude de Irritação. Conforme dito em 3.2, a atitude de Referência de uma ilocução é uma atitude aceitável como prototipicamente associada à mesma, de modo que os falantes da língua com mais probabilidade a percebam como não marcada, mas que mesmo assim possui marcas prosódicas no enunciado, assim como toda e qualquer realização concreta de uma ilocução. Simplesmente, a atitude de referência pode ser considerada um exemplo de atitude mais provável e cujos efeitos sejam menos conotados. Os enunciados 8 a 10 exemplificam a ilocução de Ordem com as três atitudes estudadas. Em 9 e 10, temos enunciados complexos cujo Comentário está marcado em negrito. Em 8 e em 9, o núcleo do Comentário (áudios 8b e 9b) é seguido por uma coda. O exemplo 10 é formado somente pelo núcleo do Comentário.

Exemplo 8 – bfamdl23 (áudio 8 - )

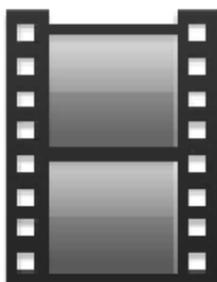
Contexto: Uma amiga de JAN mostra a ela um jogo de computador. JAN se incomoda com o volume da música e dá uma Ordem para que a amiga a abaixe. Assim como a

locutor está fazendo o exercício de ginástica da maneira errada; no terceiro, a falante é mãe do interlocutor e pode, portanto, exigir que o mesmo volte para perto dela). Em todas as situações, o *objeto ontológico referido* (no primeiro exemplo, a música; no segundo, a almofada; no terceiro, o próprio interlocutor), estão *presentes* no contexto. Esse tipo de comparação permite constatar que os três exemplos são categorizáveis como Ordens. As diferenças que qualquer falante da língua consegue perceber entre eles são de natureza atitudinal.

Após a descrição pragmático-cognitiva dos exemplos, foram produzidos vídeos que eliciam a ilocução de Ordem com cada atitude. Nos três vídeos, o enunciado que veicula a Ordem possui o mesmo conteúdo locutivo (“pega o livro preto”) e é sempre realizado por um falante do sexo masculino.

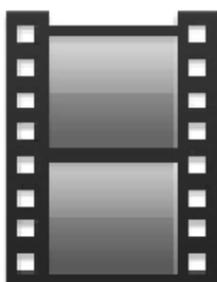
No vídeo da atitude de Cortesia (vídeo v1, áudio v1 ) , um homem está no corredor de seu prédio, segurando várias sacolas e um livro em suas mãos. Enquanto o homem tenta, com dificuldades, abrir a porta de sua casa, uma mulher vestida de maneira muito elegante se aproxima e oferece ajuda. O homem realiza a Ordem com atitude de Cortesia dizendo para a mulher pegar o livro preto.

Vídeo 1 - (v1)



No vídeo com a atitude de Irritação (vídeo v2, áudio v2 ) , um homem entra na sala de sua casa e vê sua companheira jogando um jogo de computador usando o seu personagem. O homem dá uma Ordem com atitude de referência para que a companheira, no jogo, pegue o livro preto para o seu personagem. A mulher se recusa a fazê-lo e, após uma breve discussão, o homem repete a ilocução de Ordem, mas agora com atitude de Irritação.

Vídeo 2 - (v2)



O vídeo com atitude de Referência (vídeo v3, áudio v3 ) mostra uma mulher fazendo um exercício de Matemática e um colega de sala ao seu lado. A mulher diz que chegou a um ponto

do exercício em que não consegue prosseguir e o seu colega lhe diz o que deve fazer. A mulher responde que, segundo ela, a solução proposta pelo colega está errada, pois ela se recorda que o livro didático que usam dizia algo diferente. O colega dá uma Ordem com atitude de Referência para que a mulher pegue o livro.

Vídeo 3 - (v3)

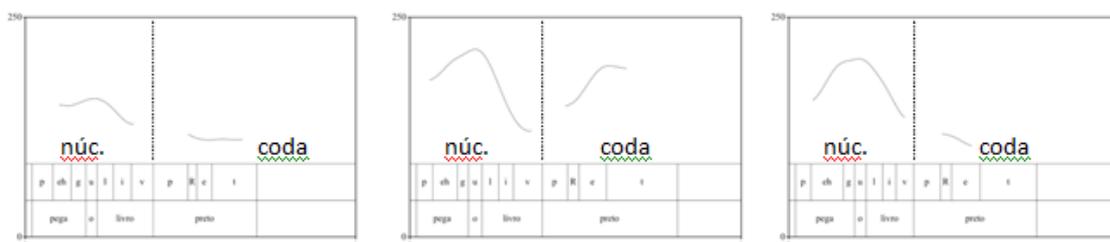
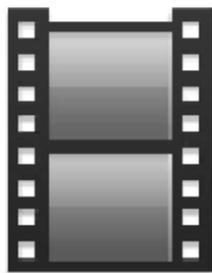


Fig.4 – Perfis de f_0 da ilocução de Ordem dos enunciados produzidos no contexto de eliciação. Ordem com atitude de Referência (esquerda), atitude de Cortesia (centro) e atitude de Irritação (direita) - Fonte: ROCHA (2015)

As propriedades prosódicas obtidas nos perfis dos vídeos (Fig.4) parecem confirmar as principais propriedades presentes nos exemplos de *corpus* (Fig.3): todos os enunciados possuem um núcleo com (a) um movimento ascendente de f_0 que se inicia nas primeiras sílabas do enunciado e (b) um movimento descendente de f_0 na próxima sílaba. O núcleo é seguido por um coda com diferentes formatos. Essas propriedades, ainda muito gerais, podem ser tomadas como um primeiro esboço da forma prosódica da ilocução de Ordem, por se manterem constantes nas realizações com diversas atitudes. Acreditamos que somente uma análise prosódica mais refinada, que leve em consideração uma variedade grande de parâmetros e um tratamento estatístico dos dados, possa fornecer uma descrição mais precisa da ilocução de Ordem que seja capaz de diferenciar a sua forma prosódica de outras semelhantes.

As propriedades diferenciais entre as atitudes são definidas pelos autores com relação à atitude de Referência:

- a. Cortesia: valores superiores de ataque, de pico de f_0 e de excursão de f_0 . A unidade termina por um movimento ascendente de f_0 ;
- b. Irritação: valores superiores de ataque, de pico de f_0 e de excursão de f_0 . A unidade termina com um movimento descendente de f_0 .

Como pode ser observado no esquema acima, a descrição das atitudes de Cortesia e de Irritação é muito semelhante, exceto pelo movimento final (ascendente na Cortesia e Descendente na irritação). Nos enunciados produzidos no contexto de eliciação, esses movimentos já se encon-

tram fora do núcleo da unidade de Comentário, na porção de coda. É interessante notar que os núcleos do Comentário desses dois enunciados são, de fato, muito semelhante (áudios v1a e v2a) e diferentes do núcleo do Comentário do enunciado com atitude de Referência (áudio v3a).

Além disso, os dados de Rocha (2015) servem para ilustrar dois pontos metodológicos importantes a favor da nova proposta de metodologia para o estudo de ilocuções. O primeiro deles é o de que, contrariamente à proposta original do LABLITA, a existência de uma diferença prosódica significativa entre dois enunciados não pode ser tomada aprioristicamente como um fator decisivo para se considerar que esses enunciados veiculam ilocuções diferentes. Comparando o perfil prosódico dos enunciados de Ordem com atitudes diferentes (ROCHA, 2015), percebem-se diferenças prosódicas mais expressivas do que aquelas mostradas por Moneglia (2011) entre as ilocuções de Ordem e Instrução na seção 3.1, como mostra a Fig.5.

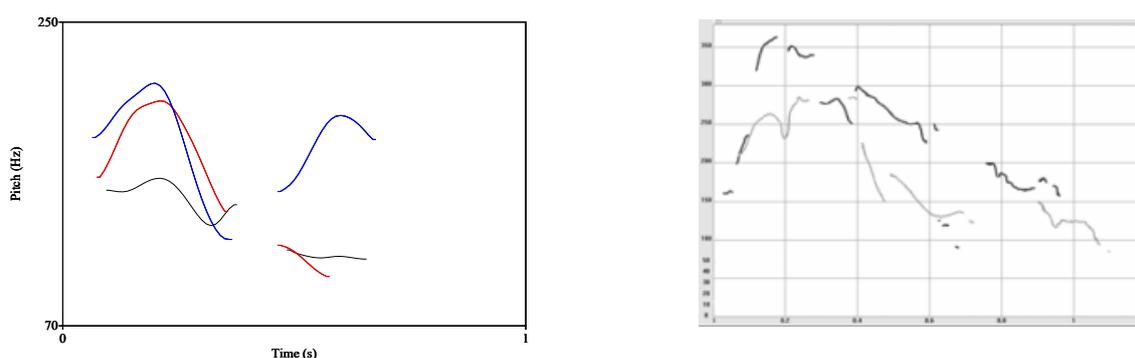


Fig.5 – À esquerda, sobreposição dos perfis de f_0 da ilocução de Ordem dos enunciados produzidos no contexto de eliciação: Ordem com atitude de Referência (linha sólida), atitude de Cortesia (tracejado) e atitude de Irritação (pontilhado). À direita, sobreposição dos perfis de f_0 da ilocução de Ordem (preto) e Instrução (cinza), de Moneglia (2011)

O segundo ponto é o de que o teste de substituição, da forma com que proposto pela metodologia LABLITA, não garante que a inadequação entre dois enunciados se deva a fatores ilocucionários. Para tentar confirmar essa hipótese, Rocha (2015) realizou testes preliminares fazendo um teste de substituição entre enunciados de Ordem com atitudes diferentes. Os resultados indicam que a Ordem com atitude de Irritação é incompatível com a cena de Ordem com atitude de Referência. Em outras palavras, ao se compararem formas prosódicas de ilocuções diferentes, é possível que haja inadequação porque a atitude com que uma ilocução foi realizada não se adequa a cena da outra ilocução. O resultado do teste de percepção na substituição de ilocuções diferentes dos contextos de eliciação não pode portanto ser considerado suficiente para determinar a presença de formas diferentes sem levar em conta também os efeitos da atitude com a qual foram produzidas as ilocuções testadas.

5. Conclusão

Nesse trabalho, mostramos a metodologia LABLITA da análise das ilocuções e ilustramos seus importantes méritos (FIRENZUOLI, 2003; MONEGLIA 2011). Contudo, mostramos também que há uma necessidade de reformulá-la, visto que a metodologia original não considera os efeitos da categoria de atitude para a descrição das formas prosódicas, o que compromete as conclusões às quais a metodologia chega. Em face disso, foi proposta uma nova metodologia

fundada em duas etapas. A primeira é a identificação de *ilocuções* em *corpus* com a maior variedade atitudinal possível, a partir da análise pragmático-cognitiva dos enunciados. A segunda etapa consiste na descrição da forma prosódica da *ilocução*, por meio da comparação dos enunciados com diferentes atitudes.

Essa nova visão entende a forma prosódica *ilocucionária* como um espectro de variações possíveis de um conjunto de parâmetros do núcleo do Comentário. Esses parâmetros variam em função da atitude com a qual a *ilocução* é realizada, mas somente algumas variações são admitidas sem que se mude a *ilocução*. Contudo, quando a unidade for maior do que o núcleo, como foi dito, os efeitos da atitude são visíveis também na parte de preparação e coda, o que ajuda a identificar o tipo de atitude. É importante considerar que *ilocução* e atitude são categorias de natureza diferente também por outra razão: enquanto as *ilocuções* são uma categoria de natureza discreta (ou se realiza um ação ou se realiza outra ação), a atitude é uma categoria que se realiza ao longo de um *continuum*: uma *ilocução* pode ser realizada de modo mais ou menos cortês, mais ou menos irritada, mais ou menos sedutora, etc. A grande variabilidade da atitude é devida ao fato dela ser função de uma realização concreta de uma qualquer ação verbalizada. Sobre uma forma acional abstrata são produzidos parâmetros prosódicos concretos que realizam *de alguma maneira* a forma acional.

Foi apresentado um estudo piloto que compara três atitudes da *ilocução* de Ordem, realizado com a nova versão da metodologia, que identifica como características constantes da Ordem um movimento ascendente de f_0 nas primeiras sílabas do enunciado seguido de um movimento descendente nas sílabas subsequentes. A atitude de Cortesia se caracteriza, nessa *ilocução*, por valores superiores de ataque, de pico de f_0 e de excursão de f_0 com relação à atitude de Referência, e a unidade termina por um movimento ascendente de f_0 , independentemente de a parte final estar dentro ou fora do núcleo. A atitude de Irritação caracteriza-se por valores superiores de ataque, de pico de f_0 e de excursão de f_0 , e a unidade termina com um movimento descendente de f_0 . Essa é apenas uma descrição prosódica inicial, tanto para a forma *ilocucionária* quanto para os parâmetros atitudinais. Essa descrição é suficiente para mostrar a importância de se considerar os efeitos da atitude na descrição da forma *ilocucionária*, mas ainda não é suficiente para uma descrição completa da forma *ilocucionária* como conjunto de variações e de relações de variações.

Essa nova metodologia, que considera que a atitude, assim como a *ilocução*, se manifesta no nível prosódico no enunciado, coloca em evidência o fato de que, para identificar as *ilocuções*, é necessário também prosseguir no refinamento dos parâmetros pragmático-cognitivos relacionados a uma *ilocução*. De fato, sem um conjunto de parâmetros que permita a comparação de um conjunto de enunciados da forma adequada, o pesquisador não tem meios suficientes para determinar se esses enunciados veiculam a mesma *ilocução* ou *ilocuções* diferentes. Essa questão será discutida em trabalhos futuros.

Artigo recebido: 15/10/2015

Artigo aceito: 19/10/2015

Referências

Diadorim, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 2, p. 173-197, Dezembro 2015.

AUSTIN, L. J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. Berna: FranckeVerlag, 1950.

BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S.; FINEGAN, E. *The Longman Grammar of Spoken and Written English*. London / New York: Longman, 1999.

CRESTI, E. *Corpus di Italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.

_____. Notes on lexical strategy, structural strategies and surface clause indexes in the C-ORAL-ROM spoken corpora. In.: CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (org.). *C-Oral-Rom: Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, pp. 209-256.

CRESTI, E.; FIRENZUOLI, V. Illocution and intonational contours in Italian. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, IV (2), 2001, pp. 77-98.

CRESTI, E.; GRAMIGNI, P. Per una linguistica corpus based dell'italiano parlato: Le unità di riferimento. In.: ALBANO LEONI, F.; CUTUGNO, F.; PETTORINO, M.; SAVY, R. (org.). *Atti del Convegno Nazionale "Il Parlato Italiano"*, CD-ROM. Napoli: M. D'Auria, 2004, pp. 1-26.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. *C-Oral-Rom: Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p.304.

CRESTI, E.; MARTIN, P.; MONEGLIA, M. L'intonazione delle illocuzioni naturali rappresentative: analisi e validazione percettiva. In.: DEL MONTE, R. (org.). *Atti delle IX giornate del GFS*. Padova: Unipress, 1998, pp. 51-63.

CRYSTAL, D. *The english tone of voice*. Londres: Edward Arnold, 1975.

FIRENZUOLI, V. *Forme Intonative di Valore Illocutivo dell'Italiano Parlato: Analisi Sperimentale di un Corpus di Parlato Spontaneo*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Università degli Studi di Firenze, Florença, 2003.

KARCEVSKY, S. Sur la phonologie de la phrase. In.: *Travaux du Cercle linguistique de Prague IV*, 1931, pp. 188-228.

MELLO, H.; RASO, T. Illocution, Modality, Attitude: different names for different categories. In.: MELLO, H.; PANUNZI, P.; RASO, T. (org.). *Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality*. Diadorim, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 2, p. 173-197, Dezembro 2015.

ty, Attitude, Information, Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press, 2011, pp. 1-18. Disponível em <http://www.fupress.com/archivio/pdf/5030.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

MELLO, H.; RASO, T.; MITTMANN, M.; VALE, H.; CÔRTEZ, P. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MILLER, J.; WEINERT, R. *Spontaneous Spoken Language*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MONEGLIA, M. Spoken Corpora and Pragmatics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2011, pp. 479-519. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/rbla/arquivos/335.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

MONEGLIA, M.; RASO, T. Notes on Language into Act Theory (L-AcT). In.: RASO, T.; MELLO, H. (org.). *Spoken Corpora and Linguistics Studies*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014, pp. 468-495.

MORAES, J.; RILLIARD, A. Illocution, attitudes and prosody: A multimodal analysis. In.: RASO, T.; MELLO, H. (org.). *Spoken Corpora and Linguistics Studies*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014, pp. 233-270.

RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RASO, T.; MELLO, H. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RASO, T.; MITTMANN, M. As principais medidas da fala. In.: RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do Português Brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RASO, T. MITTMANN, M.; OLIVEIRA, A. C. O papel da pausa na segmentação prosódica de *corpora* de fala. *Revista de Estudos da Linguagem*, no prelo.

RASO, T.; ROCHA, B. A experimentação para o estudo empírico das *ilocações*. In: LUCENTE, L.; ROTHE-NEVES, R.; ARANTES, P. (org.). *Estudos de prosódia*. Faculdade de Letras da UFMG, no prelo.

ROCHA, B. Metodologia empírica para o estudo de ilocuções do português brasileiro. *Domínios de Linguagem*, v. 7, n. 2, 2013, pp. 109-148.

_____. The illocution of order with different attitudes: consequences for the empirical study of illocutions. In: IX LABLITA and IV LEEL International Workshop, Belo Horizonte, 2015.

't HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. *A perceptual study on intonation: An experimental approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.